

CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado

Class.: 1083

Data: 21.12.86

Pg.: \_\_\_\_\_

# Famílias indígenas acampadas em frente à Funai aguardam solução

Chapecó — Há três semanas, 16 famílias indígenas, vindas de Nonoai (RS), estão acampadas de frente a sede da Funai, neste município, aguardando permissão para retornar ao Toldo Chimbangue. Os índios estão nervosos e impacientes. Por várias vezes, inclusive, já ameaçaram voltar à sua reserva de origem, desistindo de viverem no Chimbangue. Os responsáveis pela Funai local pedem aos índios para que continuem na luta, pois, afirmam, vencerão.

Ao todo, são 70 indígenas. Destes, mais de 40 são menores. Segundo o engenheiro agrônomo Ademir Migliavaca, da Funai de Chapecó, "esses sim são os verdadeiros índios, na sua maioria, caingangues". Para o agrônomo, das 34 famílias que hoje vivem no Toldo Chimbangue, somente o antigo cacique da reserva, Clemente Fortes do Nascimento, "é índio puro. Os demais são mestiços e brancos".

### MESTIÇOS

Por isso, Migliavaca considera um desrespeito ao verdadeiro índio, "que hoje é impedido de entrar no Chimbangue". O agrônomo conta que a Funai não pode mais entrar no Toldo, acrescentando que "nem queremos mesmo, pois o nosso trabalho é atender ao índio, e lá não tem índios, só brancos e mestiços". Ademir lamenta que a igreja tenha "se intrometido" no incidente que aconteceu no Chimbangue, quando dez famílias, consideradas pelo antigo cacique como *brancas e mestiças*, foram expulsas da área, retornando um mês depois, após decisão do juiz federal de Santa Catarina.

"Os caingangues não se conformam — diz o agrônomo da Funai —



Edson Florão

Os índios, acampados em condições precárias, já estão impacientes

que a reserva esteja tomada por mestiços e brancos. Quando a comunidade indígena aceita, tudo bem. Mas agora eles não querem mais saber daqueles que não são índios. Isso deveria ser respeitado", pondera Ademir Migliavaca.

### DESÂNIMO

O próprio Clemente Fortes do Nascimento, conta o agrônomo, está desanimado. As 16 famílias da reserva indígena de Nonoai (RS), acampadas de frente a Funai de Chapecó, por diversas vezes, têm falado que, se a comunidade deles aceitasse o seu retorno, eles voltariam. Entretanto, Migliavaca acha que, de forma alguma, os *verdadeiros índios*, como chama, devem desistir da luta. "Eles têm direito, e devem lutar por isso".

Ademir faz questão de dizer que, em todo o país, o Conselho Indige-

nista Missionário só atua no Toldo Chimbangue, "pois em outras reservas os índios não aceitam o órgão". Declara o agrônomo que "é importante que a comunidade saiba que não se trata de uma simples briga política entre a Funai e o Cimi. O caso é mais sério, pois envolve mestiços e brancos que não querem sair de uma área indígena".

Os índios acampados desejam uma solução imediata para o caso. Afirmando que nunca foram barrados ao visitarem uma outra reserva. A Funai, por sua vez, vem providenciando alimentação e atendimento médico, apesar de não haver doentes no acampamento. Em dia de chuva, os 70 índios atravessam a rua e se protegem na sede da delegacia da Funai. A esperança, contudo, é que esta situação não perdure por tanto tempo.

## Sapateiro, um ofício em extinção

Caçador — A figura humana e econômica do *artistasapateiro* desaparecerá de Caçador dentro de algumas décadas e seus instrumentos de trabalho poderão se tornar peças de museu. Isto se deve ao fato de os sapateiros do município terem uma média de idade superior a 40 anos e não se encontrarem jovens que desejem herdar a profissão, hoje desvalorizada e decadente.

"No início dos anos 50, quando existiam mais de cinco sapateiros na cidade, os pais pagavam para que seus filhos aprendessem a fazer calçados", conta o sapateiro Nelson Costa, 48 anos. "Sapataria era um serviço

de luxo e a profissão significava um bom padrão de vida e certo *status* na sociedade". Ele afirma que começou a trabalhar desde 15 anos e que aprendeu o ofício com os pioneiros Savoia e Zanketin.

Nelson critica, sem desilusão, que hoje os "jovens sentem vergonha de serem sapateiros. Eles querem estudar e imaginam que vão ser doutores, mas seus futuros são incertos no mercado atual". Ele diz que seus dois filhos e sua esposa também aprenderam a profissão, entretanto, "não querem saber do serviço".

Orlando Brandes, também com 48

anos, acompanha Nelson neste trabalho. Na opinião deles, as fábricas criaram uma grande produção de calçados, mas de uma qualidade tão baixa que, na maioria das vezes, não permitem nem conserto razoável. "Abriam uma concorrência insuportável para os artífices, pelo baixo custo de suas mercadorias, e absorveram os que se iniciavam na profissão".

O sapateiro ressalta que no Brasil não existe incentivo ao artesanato. "As potências econômicas estragaram tudo, uma vez que no país poderiam sobreviver muitas das pequenas *fabriquetas* de calçados.", conclui Nelson.